



Siderúrgica abandonada em Youngstown, Ohio; programa de Donald Trump mira empregos em áreas afetadas pela crise

★ III A SUCESSÃO DE OBAMA

# Eleito, bilionário adota ideia de banco para infraestrutura

Projeto de 'BNDES americano' é inspirado em proposta da rival democrata

**Objetivo é modernizar as redes de transporte, escolas e hospitais do país; projeto ainda pode gerar onda de empregos**

SOLANGE REIS  
DA EQUIPE DE TREINAMENTO

Donald Trump passou a campanha atacando a plataforma de Hillary Clinton.

E, depois de eleito, ele se inspira numa proposta da democrata para "tornar a América grande novamente".

Enquanto Trump falava abstratamente em modernizar a infraestrutura, Hillary sugeria criar um banco de investimentos de US\$ 275 bi-

lhões para isso. O republicano agora não apenas defende a criação do banco, como aumenta seu capital.

Steven Mnuchin, ex-presidente do Goldman Sachs e potencial candidato a secretário do Tesouro, declarou que a alternativa "ganhou um grande foco" para os primeiros cem dias da gestão.

Trump já obteve consenso bipartidário sobre a questão, feito que o tom conciliador de Obama poucas vezes conseguiu. A proposta agrada aos democratas. Avesos à intervenção do Estado na economia, os republicanos reforçam o coro a favor. Membros do Tea Party, ala radical do Partido Republicano, poderão resistir, mas o tema deve

ter aceitação no Congresso.

Caso a versão americana do BNDES saia do papel, o disjuntivo Trump terá uma rara oportunidade de se vangloriar por unir os divididos.

O objetivo imediato da proposta é superar a obsolescência das redes de transporte, escolas e hospitais. Os EUA sofrem a deterioração da infraestrutura essencial ao desenvolvimento, avalia o professor da Unicamp e autor de "O Peso do Estado na Pátria do Mercado", Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes.

"O repasse de Estados a escolas caiu verticalmente, levando à queda da qualidade e à alta tremenda das taxas cobradas dos estudantes."

Outro propósito da refor-

ma da infraestrutura é gerar os "milhões" de empregos prometidos a eleitores em zonas operárias empobrecidas.

A fórmula de financiamento difere do modelo brasileiro, porque o dinheiro não sai diretamente dos cofres públicos. Nos EUA, empreiteiras e Estados fazem as obras, cabendo ao poder federal garantir empréstimos tomados pelas parcerias no mercado.

Trump também defendeu impostos sobre repatriação de recursos de empresas americanas no exterior para aplicar em infraestrutura. Uma espécie de "New Deal" moderno, recuperando lucro sem paraísos fiscais. O apoio bipartidário ao peso do Estado nesse caso é menos provável.